

ESPAÇO GEOGRÁFICO E DESEQUILÍBRIOS REGIONAIS: GRANDES CONFLITOS

META

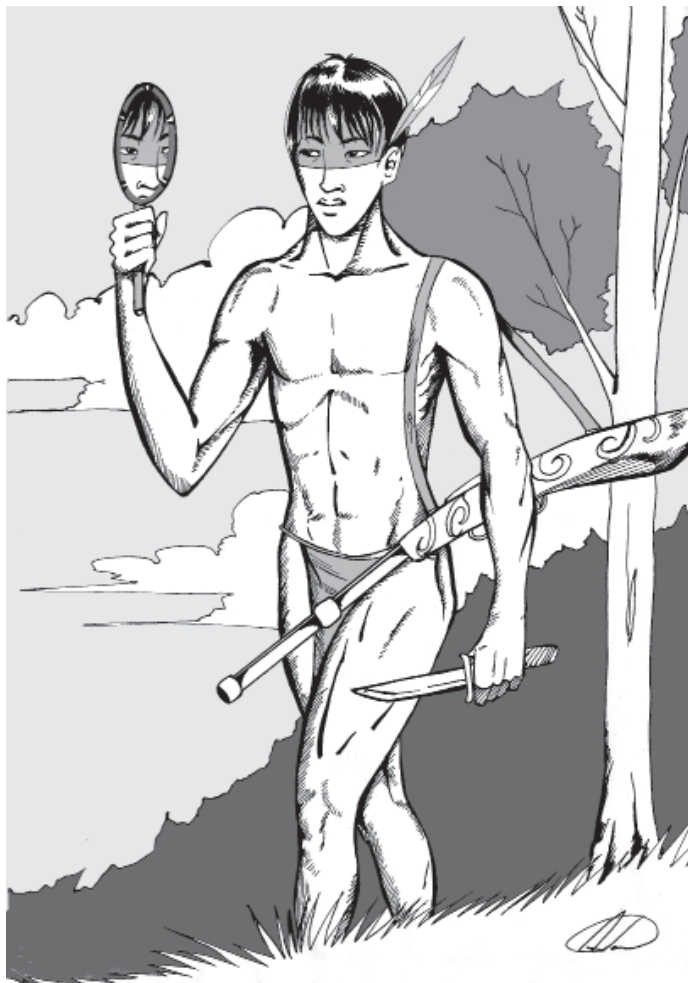
Analisar os variados fatores de desequilíbrio regional.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:
identificar os conflitos étnico-religiosos da atualidade, suas causas e
conseqüências.

PRÉ-REQUISITOS

Conteúdos da aula anterior, "Desequilíbrios regionais - religiões.



INTRODUÇÃO

Então? Empolgado(a) com a nossa viagem pela Terra? Espe-ro que você já compreenda a verdadeira importância das re-ligiões e sua vinculação com culturas e costumes. Agora, não se espante, você vai perceber como as religiões influenciam na organização do espaço mundial. Vamos continuar.

Na aula anterior você conheceu parte das diversas religiões professadas no mundo. O entendimento de sua influência em cada sociedade, desde o seu surgimento até os dias atuais, demonstrou as transformações provocadas no seio da sociedade. Inclusive, percebendo que os nacionalismos de algumas regiões fazem parte do entrelaçamento do poder político com a religião. Considerando que a cultura das populações está subordinada aos aspectos religiosos, a sua organização social também obedece aos seus preceitos. A partir desses pressupostos, emergem, em diversas partes da superfície, os desequilíbrios causados por conflitos étnico-religiosos. Portanto, é importante analisarmos esses conflitos em seus diversos aspectos, refletindo sobre a ideologia que cada grupo utiliza para firmar sua identidade nos diversos espaços geográficos. Assim, você será capaz de entender as intermináveis disputas, bem como os interesses econômicos e políticos que estão subsumidos nesses conflitos.



Líderes ortodoxos de vários países (Fonte: <http://www.pime.org.br>).

CONFLITOS ATUAIS

Desde o início da Guerra do Iraque, em março de 2003, cresce o número de conflitos no mundo. No próprio país, a fácil vitória militar das Forças Armadas dos Estados Unidos (EUA) e do Reino Unido foi rapidamente posta em xeque pela insurgência iraquiana, e é de se prever que pode levar anos até que a nação volte a viver uma situação estável e pacífica. Ao mesmo tempo, a rede terrorista Al Qaeda, responsável pelos atentados contra os EUA, em 11 de setembro de 2001, tem aumentado sua influência entre grupos radicais de vários países.

Está vendo? Parece até que as religiões, ao longo da história, têm servido mais a conflitos do que à paz.

INSURGÊNCIA IRAQUIANA

Um documento distribuído à imprensa e publicado pela Folha de S. Paulo, em 27 de novembro de 2004, aponta que, nos últimos seis meses, a resistência iraquiana quadruplicou as suas operações de insurgência contra a ocupação. O texto foi escrito por Michael O'Hanlon e Adriana Lins de Albuquerque, do Instituto Brookings, em Washington e se intitula "O Estado do Iraque" (numa alusão ao documento que os presidentes americanos apresentam sempre para a imprensa nos meses de janeiro de cada ano, intitulado "O Estado da nação").

Algumas conclusões valem a pena ser estudadas e mostram melhor a realidade:

- os investimentos pela reconstrução do Iraque estão sendo feitos com maior rapidez, mas não surtem efeito, pois os gastos em nada melhoraram a qualidade de vida do povo.
- a economia continua no mesmo patamar do que era na época do governo de Saddam Hussein.
- o número estimado de guerrilheiros (que o relatório chama de "rebeldes") subiu de abril para outubro de 5 para 20 mil (os círculos mais próximos da resistência indicam pelo menos cinco vezes mais guerrilheiros e apoiadores da resistência do que esse número).
- os ataques mensais contra alvos americanos e colaboracionistas no Iraque atingiram a 2.400 em outubro, o que perfaz uma média de 80 por dia.
- a média de mortos no campo da insurgência elevou-se para 2 mil ao mês, e no lado americano situa-se na faixa de 60 ao mês (por essa estatística macabra, morre um americano para cada 34 iraquianos).



Conflitos no Iraque (Fonte: <http://www.mondodisotto.it>).

Insurgência

Revolta contra poder estabelecido, expressa com atitudes ou palavras; desacordo em relação a algo; opor-se; reagir (contra abusos).

f) os mortos civis ao mês, que não se relacionam diretamente com a guerra de resistência, situaram-se na faixa de 400. Esse mesmo número é o de assassinatos na capital, Bagdá.

g) os ataques à indústria petrolífera ou aos oleodutos subiram de 4 para 11 ao mês, em média.

h) as forças de segurança interna do Iraque aumentaram, todas elas treinadas e armadas pelos americanos.

Esse estudo também entrevistou iraquianos para saber de seus sentimentos em diversos aspectos, como se tivessem feito uma pesquisa científica de opinião. Os resultados são surpreendentes:

i) apenas 40% da população acha que a sua situação melhorou depois da ocupação em abril de 2003.

j) apenas 35% defendem a continuidade da permanência dos americanos no país.

O terrorismo é o grande fenômeno mundial deste início de século XXI. Se, nas décadas de 1970 e 1980, ele era protagonizado por grupos que tinham como alvos autoridades civis e militares, hoje ele atinge mais amplamente a comunidade, matando e ferindo vítimas civis. O caso do massacre na escola de Beslan, na república **Ossétia do Norte**, em setembro de 2004, quando morreram mais de 300 pessoas, na maior parte crianças, é um exemplo da mudança na ação dos grupos extremistas. O ato terrorista foi cometido pelos rebeldes chechenos que querem independência em relação à Federação Russa.

Ossétia do Norte

República autônoma russa situada na região do Cáucaso. Abrigando cerca de 25 milhões de pessoas, o Cáucaso se constitui numa zona de contato e confronto de duas “civilizações”: de um lado a eslavo-ortodoxa, representada por populações de origem russa ou “russificadas” (como os ossétios) e a islâmica, de influência turca ou iraniana, composta por mais de vinte povos, dentre os quais se destacam os chechenos. Na porção norte do Cáucaso, denominada de Ciscaucásia, encontram-se oito repúblicas e regiões autônomas que fazem parte da Federação Russa. Dentre elas estão as repúblicas da Chechênia e da Ossétia do Norte.

CONFLITOS INTERNACIONAIS

Veja agora, caro(a) aluno(a), como a intolerância religiosa aliada à (ou ao lado da) ganância das grandes nações do mundo causa separatismo, destruição e morte.

Dos 35 conflitos existentes no mundo, quatro são considerados internacionais pelo The Military Balance: a Guerra do Iraque; o conflito Índia-Paquistão, pela disputada região da Caxemira; as ações terroristas do grupo Jemaah Islamiyah (que age na Indonésia, nas Filipinas e em Cingapura) e as ações da rede terrorista Al Qaeda. Além da força financeira, a rede de Osama bin Laden mostra sua habilidade em se unir a outras organizações islâmicas, como a Jihad, do Egito, e a Frente Nacional Islâmica, do Sudão. Seu ataque mais significativo em 2004 foi a série de explosões em trens urbanos de Madri, que mataram mais de 190 pessoas. Pela primeira vez, a Europa ocidental sofre com o terror em grande escala. Apesar de o governo espanhol alegar inicialmente que se tratava de uma ação do grupo separatista ETA (Euskadi Ta Askatasuna ou Pátria Basca e Liberdade), ficou confirmada a ação de terroristas ligados à rede Al Qaeda.

CONFLITO ÍNDIA E PAQUISTÃO / CAXEMIRA

As relações da Índia com o Paquistão começaram mal e jamais foram amistosas. Para piorar ainda mais a difícil convivência entre ambos, observa-se que a Índia e o Paquistão (separado originalmente em Ocidental e Oriental) nasceram nos princípios da Guerra Fria. O Paquistão inclinou-se a favor dos EUA enquanto a Índia procurou o apoio da URSS. Explica-se que ambos possuem bombas atômicas - a Índia fazendo seu primeiro lançamento em 1974 e o Paquistão em 1998 em razão deles terem sido estimulados pelas superpotências. Os EUA e a URSS não desejavam que apenas a China Popular fosse potência nuclear na Ásia e, a própria China Popular, adversária da Índia, estava interessada em que o Paquistão entrasse para o clube atômico. O perigo maior é que elas, as armas nucleares, possam ser utilizadas para resolver uma velha diferença que já se arrasta por mais de 50 anos, a questão da Caxemira.

A Caxemira é uma província do norte da Índia cujo território é composto por 90% de montanhas e que faz fronteira com a China e com o Paquistão. Em 1947, Hari Singh, o marajá de Caxemira, pediu urgente apoio de tropas indianas para se defender da invasão das tribos Pathans. Em agradecimento, assinou o Instrumento de Acesso à União Indiana, concordando com que a região se tornasse no estado indiano de Jammu e Caxemira. Desde então, o Paquistão reclama a realização de um plebiscito em razão de 2/3 da população de 7 milhões de habitantes confessar-se muçulmana. Os indianos aceitaram ceder um terço do território ao Paquistão - chamado de Azad Kashmir -, mas não quiseram realizar um plebiscito.



Hari Singh, marajá da Caxemira (Fonte: <http://newsimg.bbc.co.uk>).

CONFLITOS INTERNOS

Boa parte das 31 guerras internas citadas pelo relatório do IISS é conduzida por grupos armados que buscam derrubar o governo de seu país, como ocorre na Colômbia e no Haiti. Mas, na maioria das vezes, elas estão relacionadas com aspirações de movimentos separatistas, de minorias étnicas ou religiosas, que querem a independência de seu território, a exemplo da Espanha (País Basco), do Reino Unido (Irlanda do Norte), da Indonésia e da Federação Russa (Chechênia).

Você, estudante de educação a distância, que vê e acompanha tantos conflitos pela televisão, pode até não acreditar nisso, mas a principal guerra civil no mundo ocorre bem pertinho de nós, e é a da Colômbia, com quatro décadas de combates. Mesmo o anúncio de desmobilização do maior grupo paramilitar colombiano, as Autodefesas Unidas da Colômbia (AUC), no fim de 2004, não indica que possa haver em breve um processo de paz,



Autodefesas Unidas da Colômbia (AUC)
(Fonte: <http://resistir.info>).

Conflito colombiano

O conflito colombiano, um dos mais antigos da América Latina, deriva da disputa pelo poder entre conservadores e socialistas, e dura desde 1964.



Yasser Arafat

Engenheiro civil egípcio (1929-2004). Foi o líder da Autoridade Nacional da Palestina (ANP), presidente da Organização para a Libertação da Palestina (OLP), líder da Fatah, a maior das facções da OLP e co-detentor do Prêmio Nobel da Paz.

pois as guerrilhas controlam boa parte do território colombiano. Veja esse quadro ao lado que trata do **conflito colombiano**.

Sob a liderança de Manuel Marulanda, cognominado “Tirofijo”, ex-combatentes liberais fundaram as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia, popularmente conhecida como FARC-EP, nos anos 60, para lutar pela criação de um estado marxista. Outros grupos de esquerda - como o guevarista Exército de Libertação Nacional (ELN) - e milícias de extrema direita entraram no conflito. A partir dos anos 80, a Guerra Civil ganhou um novo protagonista: o tráfico de drogas. A FARC-EP e o ELN

financiaram a luta armada à custa dos serviços de proteção vendidos aos traficantes e do seqüestro de civis. Cerca de 3 mil resgates foram pagos anualmente à guerrilha. A violência já matou cerca de 30 mil pessoas desde os anos 60 e tem forçado maciços deslocamentos internos.

A disputa por riquezas e fontes energéticas é outro fator de agravamento de conflitos regionais, particularmente em países com reservas de petróleo. Entre os conflitos por motivos territoriais, um dos mais complexos envolve israelenses e palestinos, que disputam a mesma região. A morte do líder palestino **Yasser Arafat**, em novembro de 2004, anunciou uma reconfiguração nas negociações de paz.

A CORRIDA PELO PETRÓLEO

Existem, ainda, mais duas grandes causas das guerras: dinheiro e poder!

O fato de o preço do barril de petróleo ter ultrapassado a barreira dos 50 dólares em 2004, marca nunca atingida antes, é um sinal de que a Guerra do Iraque não ocorreu à toa. A disputa pela mais importante fonte de energia do planeta promete se acirrar ainda mais nos próximos anos. Como o Iraque possui 10% das reservas mundiais de petróleo, controlar suas fronteiras é fundamental para a economia norte-americana. Além disso, existe o temor de que a monarquia da Arábia Saudita perca o poder na maior potência petrolífera do mundo, com 27% do total de reservas. Como o governo Bush resiste em investir maciçamente em fontes renováveis de energia, resta encontrar fontes alternativas de petróleo. Os Estados Unidos (EUA) passaram a se interessar pelas reservas petrolíferas em antigas repúblicas soviéticas, como Cazaquistão e Azerbaidjão, além da África. Segundo país exportador da matéria-prima, a Federação Russa consome grande parte do que extrai. Já a China se tornou o terceiro maior consumidor, atrás apenas dos EUA e do Japão. Estima-se que até 2030 a China importe 80% do petróleo utilizado no país. Muitos analistas atribuem a elevação do preço do barril principalmente ao aumento do consumo na China.

Muito bem! Agora você está recebendo um convite muito especial. Vai ler este artigo de um professor da Universidade Estadual de Ponta Grossa, no Paraná, e que está fazendo doutorado em Geografia pela Universidade Federal de Santa Catarina. Ele também é professor da Universidade Estadual de Ponta Grossa (PR) e organizador da coletânea *Que País é Esse? Pensando o Brasil Contemporâneo*.

Vale a pena! Abre o nosso entendimento, amplia nossos horizontes!

UM “SUBIMPERIALISMO” BRASILEIRO NA AMÉRICA DO SUL?

Edu Silvestre de Albuquerque

A expansão de capitais, mercadorias e serviços de origem brasileira pela América do Sul têm causado sérios embaraços para a diplomacia brasileira. O protesto boliviano contra a presença econômica brasileira no país é apenas mais um capítulo da oposição gerada entre os países vizinhos contra a expansão econômica brasileira pela região. As recentes ações contra empresas brasileiras que exploram recursos naturais do país como minério de ferro e gás natural, não são apenas atos isolados do governo **Evo Morales**, mas contam com expressivo apoio da população boliviana.

A principal atingida pela nacionalização da exploração dos recursos naturais bolivianos foi sem dúvida a estatal brasileira Petrobras. A multinacional Petrobras forma verdadeiro monopólio regional ao atuar na exploração, refino, transporte e distribuição de petróleo e gás natural na maioria dos países sul-americanos. Quando é a Shell ou uma das outras “Grande Irmãs” quem expandem seus negócios pelo mundo, chamamos isto de imperialismo. Mas não parece se passar algo diferente com a atuação da Petrobras.

Mas a presença avassaladora da Petrobras não é a única queixa de nossos vizinhos. Vale lembrar que da própria Argentina – cuja economia é bem maior que a boliviana – partem constantes reclamações da classe empresarial e de políticos locais contra o que consideram uma invasão de produtos e empresas brasileiras com o advento do Mercosul. Inaugurado pelo Tratado de Assunção (1991), o bloco econômico sub-regional tem sido alvo de diversas críticas também dos países de menor desenvolvimento econômico, casos do Uruguai e Paraguai, que exigem compensações comerciais diante do gigantismo econômico de seus parceiros. Curiosamente, quem ajudou a reverter esse clima político regional desfavorável foi justamente o criticado **Hugo Chávez** ao inserir a Venezuela e suas ricas reservas de hidrocarbonetos no Mercosul.

É verdade que as sementes da discórdia regional já estavam lançadas desde o Tratado de Tordesilhas (1491), que dividia as terras a serem oficialmente descobertas no Novo Mundo entre as Coroas de



Evo Morales

Político boliviano, de origem ameríndia, da etnia aymará (1951-). É o atual presidente da Bolívia. Foi líder do movimento cocalero, notabilizando-se ao resistir às pressões norte-americanas na substituição do cultivo de coca na província de Chapare por bananas originárias do Brasil.



Hugo Chávez

Militar venezuelano (1954-). É presidente da Venezuela desde 1999, tendo se destacado por seu governo nacionalista, crítico radical da política externa norte-americana e proponente do socialismo do século XXI.

Portugal e Espanha. Portugal foi continuamente “empurrando” os limites oficiais para oeste, alegando o princípio do *uti possidetis*, a terra deve pertencer a quem de fato a ocupa. Nesse processo expansionista, a pecuária e a extração da borracha foram atividades econômicas fundamentais para a colonização portuguesa de áreas interiores do continente, e que mais tarde, por exemplo, daria vazão à Questão do Acre, que resultou na amputação territorial (outra vez!) da sofrida Bolívia.

Coisas do passado? Atualmente, estima-se mais de 15 mil brasileiros em atividade seringueira no Departamento de Pando, na Bolívia amazônica, e um número ainda mais expressivo de colonos brasileiros voltados para a agricultura comercial próximos da fronteira com o Mato Grosso do Sul. No Paraguai são dezenas de milhares de “brasiguaios” instalados principalmente na agricultura, e também expressivo o número de rizicultores e pecuaristas gaúchos em terras uruguaias.

O passado de regimes militares também reforçou o clima de desconfiança entre os países da região. A própria construção da hidrelétrica binacional de Itaipu entre Brasil e Paraguai ganhou à época ferrenha oposição de Buenos Aires que alegava necessidade de ampliar a discussão quanto ao uso do potencial energético da Bacia do Paraná de modo a preservar seus interesses nacionais. Para piorar o quadro, a geopolítica brasileira do período era fortemente influenciada pelo pensamento do General Golbery do Couto e Silva, que defendia abertamente a ampliação da influência brasileira na Bacia do Atlântico Sul e em particular na América do Sul.

A redemocratização do continente não trouxe a “paz perpétua” entre os países sul-americanos. Nas últimas décadas, o maior desenvolvimentismo industrial brasileiro em relação a seus vizinhos depende cada vez mais da expansão dos bens e serviços made in Brazil por toda a região. Vale lembrar que cerca de 2/3 das exportações brasileiras para o resto do mundo são de produtos de baixo valor agregado e/ou de elevado consumo de riquezas naturais (soja, minério de ferro, café, calçados, suco de laranja, siderúrgicos, açúcar e celulose), o que demonstra ainda mais a importância do mercado latino-americano para a produção industrial brasileira.

Não é segredo que as políticas desenvolvimentistas brasileiras experimentadas ao longo do último meio século se valeram da criação de empresas estatais (principalmente indústrias de base como refino e petroquímica) e também da atração de subsidiárias de transnacionais norte-americanas, européias e asiáticas (principalmente indústrias de bens de consumo duráveis como automobilística e eletroeletrônica). A motivação dessas grandes empresas em estabelecerem filiais no Brasil era determinada pela expressividade do mercado interno brasileiro, mas também pela facilidade de acesso aos demais mercados latino-americanos. Esse processo foi experimentado pela

Argentina, mas em escala bem menor que a verificada no Brasil, daí também a explicação do “mau humor” dos hermanos em relação à hegemonia comercial brasileira no Mercosul. Mais recentemente o Brasil também tem reforçado sua posição de exportador de capitais para os países sul-americanos, através do direcionamento do sistema financeiro nacional para a viabilização da exportação de bens e serviços produzidos no país, beneficiando particularmente grandes construtoras e empresas de maquinário pesado. Esse foi o caso do financiamento bilionário pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) do Gasoduto Bolívia – Brasil, além de grande parte das obras de integração dos sistemas de transportes e energia que já se anunciam: metrô de Santiago e Caracas, ramais de gasodutos na Argentina, asfaltamento de rodovias no Peru e na Bolívia, dentre outras.

Diante do exposto, é inegável concluirmos que a expansão da economia brasileira (industrial e de infra-estruturas de transportes e energia), de fato, acaba por fortalecer o papel geopolítico do país na América do Sul, e com isto alimenta as desconfianças entre nossos vizinhos acerca do que faremos com esse poder. Para que se concretize o sonho bolivariano (Simon Bolívar foi o libertador do jugo espanhol para diversos países sul-americanos) de integração regional, será necessário ainda gigantesco esforço diplomático envolvendo o Brasil e seus vizinhos, principalmente porque uma América fragmentada tem servido historicamente apenas aos interesses dos países desenvolvidos.

Então, gostou? Eu não disse? Com essa leitura você pode até associar a expansão econômica da Inglaterra, explorando países asiáticos através dos “protetorados”, com essa hegemonia brasileira na América do Sul. Ou seria um exagero?

PRINCIPAIS CAUSAS DE CONFLITOS - MUNDIALIZAÇÃO DO CAPITAL

A crescente desigualdade entre países, regiões e indivíduos e a intensa competição econômica internacional – resultante da então denominada globalização – são apontadas por estudiosos como fatores que aumentam as tensões em muitas sociedades, agravando o risco de conflitos violentos. Situações de grande insegurança, marcadas por desemprego agudo e estagnação econômica, podem levar grupos a reforçar seus laços tradicionais de solidariedade em torno da língua, religião e identidade étnica. A ênfase nos vínculos étnicos, no entanto, pode estimular o



Mundo globalizado (Fonte: <http://www.galizacig.com>).

preconceito, a intolerância e a hostilidade contra aqueles que não fazem parte do grupo.

Há situações em que a presença de um poder central forte, como havia na extinta União Soviética (URSS), mantém esses movimentos abafados. Existem estudos que associam a disseminação dos conflitos étnicos a partir da década de 1990 ao fracasso da democratização política em países da Ásia, África e América Latina, além da desagregação da União Soviética. Em muitas nações, o colapso de regimes autoritários deu origem a governos fracos, que não conseguiram resolver os problemas sociais e econômicos herdados do passado.

O FUNDAMENTALISMO RELIGIOSO

Veja só até onde pode levar o fanatismo religioso, a falta de tolerância, o fundamentalismo.

O fortalecimento de grupos religiosos fundamentalistas no mundo atual é outra causa importante do aumento do número de conflitos pelo planeta. Esses movimentos têm em comum o retorno ao que consideram as fontes – os fundamentos – de suas religiões. Caracterizam-se, em geral, pelo repúdio à modernidade e às descobertas científicas.

A denominação fundamentalista foi usada pela primeira vez no início do século XX pelos protestantes mais conservadores dos EUA, ao determinar que os outros cristãos distanciavam-se da fé em Cristo. A partir daí, aplica-se esse termo para indicar os movimentos segundo os quais os textos sagrados devem ser a única orientação para diversos aspectos da vida, incluindo a organização do estado e da sociedade.

Nos últimos anos, os fundamentalistas em maior evidência são ligados ao islamismo e estão empenhados basicamente na criação de sociedades regidas pelo Alcorão – textos sagrados da religião muçulmana.

Um marco desse movimento foi a Revolução Iraniana, de 1979, que tornou o Irã uma teocracia islâmica – sistema de governo em que o poder político se encontra fundamentado no poder religioso do aiatolá. Vários movimentos floresceram depois disso, sobretudo em países menos desenvolvidos e de forte tradição religiosa, em que a população empobrecida vê no Islã a solução para seus problemas. Ao pretender acabar com a separação entre Igreja e Estado, os fundamentalistas descartam valores ligados à democracia, ao pluralismo e à tolerância religiosa.

Em 2004, nota-se um crescimento da adesão a grupos radicais islâmicos, como Hamas e Jihad Islâmico, nos territórios de Gaza e Cisjordânia, na Palestina. A rede Al Qaeda, do terrorista Osama bin Laden, também amplia sensivelmente sua ação ao redor do globo. Nas Filipinas, a guerrilha islâmica Abu Sayyaf provavelmente recebe suporte de células terroristas do Oriente Médio. Na Argélia, há o Grupo Islâmico Armado (GIA), e, no

Egito, a Irmandade Muçulmana.

O fundamentalismo não se manifesta apenas na religião islâmica. No Judaísmo está associado a facções radicais em Israel, como o Eyal (Força Judaica Combatente) e o Kahane Vive. Entre os cristãos, o fundamentalismo expressa-se em grupos protestantes conservadores nos EUA, que são contra o aborto e a igualdade de direitos civis para os homossexuais. Há, também, o eterno conflito na Irlanda do Norte, que gera uma prolongada guerra fratricida e separatista, entre católicos e protestantes, todos eles ditos cristãos. Entre os hinduístas, dois exemplos de extremismo são a agremiação Shiv Sena e o Partido Bharatiya Janata (BJP), intolerantes, principalmente em relação aos cultos muçulmanos na Índia.



Radicais do grupo Hamas (Fonte: <http://bolainez.org>).

CONCLUSÃO

Querido aluno, estimada aluna, agora veja se você consegue responder essas questões:

Ao final desta aula eu consigo entender os conflitos existentes na atualidade?

Explicar suas características e diversas causas?

Numa leitura mais detalhada, posso perceber que a interferência religiosa de determinadas comunidades leva ao desequilíbrio da sociedade a que pertence?

Veja, caro aluno, que ao fazer a resposta para estas perguntas você estará refletindo novos olhares sobre o mundo dos conflitos étnico-religiosos das variadas sociedades espalhadas pelo nosso impressionante planeta Terra.



RESUMO

Pois é! Os conflitos são fenômenos motivados por diversos interesses, como os econômicos, políticos, religiosos, étnicos, separatistas e outros.

Você viu a eclosão da guerra no Iraque, a fácil e surpreendente vitória dos Estados Unidos e a conseqüente insurreição iraquiana que dura até hoje e não se tem idéia de quando vai parar. No início de 2008 - você viu pela televisão? - o congresso americano, onde o presidente Bush tem maioria, autorizou mais U\$100 bilhões para o esforço de guerra no Iraque!

Você percebeu, estudando esta lição, como funciona o longo braço do terrorismo no mundo? Viu as guerras na Rússia e o conflito Índia-Paquistão? Pois é, tudo isso está relacionado com interesses às vezes claros, outras vezes ocultos.

Vimos, ainda, os conflitos internos, como os da Colômbia, do Haiti, da Espanha e do Reino Unido. Foi mostrado a um quadro especial com a resistente guerra civil na Colômbia. Conheceu o controverso, mas indiscutível líder palestino Yasser Arafat. Vimos a dramática corrida de décadas em busca do controle dos ricos poços de petróleo no Oriente Médio.

Finalmente, você conheceu o fenômeno da mundialização do capital e a questão crucial do fundamentalismo religioso.



ATIVIDADES

Descubra quais são as dificuldades para que católicos e protestantes se unam em um verdadeiro cristianismo universal.

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Esta aula é uma seqüência da anterior. Portanto, procura-se analisar as formas como os conflitos religiosos ocorreram ao longo da história e entre as mais expressivas religiões do mundo. Recentemente, você viu a invasão do Iraque e a forma ideológica como o presidente norte-americano procurou justificar, em dado momento, a ação invasiva. Por seu lado, os muçulmanos deturpam os verdadeiros ensinamentos da sua religião para justificar atos de terrorismo no seu próprio país ou mesmo internacionais. Desta forma, vê-se que os grandes conflitos que abalaram a humanidade tiveram sempre um toque de religiosidade.

AUTO-AVALIAÇÃO

Ao final desta aula, eu consigo entender os conflitos existentes na atualidade?
Conseguo perceber suas características e diversas causas?
Numa leitura mais detalhada, posso perceber que a interferência religiosa de determinadas comunidades leva ao desequilíbrio da sociedade a que pertencem?



REFERÊNCIAS

ALMANAQUE ABRIL 1999. São Paulo: Editora Abril, 1999.
ALMANAQUE ABRIL BRASIL.2005. São Paulo: Editora Abril, 2005.
ALMANAQUE ABRIL MUNDO 2005. São Paulo: Editora Abril, 2005.
http://www.clubemundo.com.br/revistapangea/show_news.asp.